

LÚCIO ANEU SÊNECA: *SOBRE OS BENEFÍCIOS, LIVRO PRIMEIRO* LUCIUS ANNAEUS SENECA: *ON BENEFITS (DE BENEFICIIS I)*

GEORGE FELIPE B. B. BORGES*
BRENNER BRUNETTO O. SILVEIRA*

Resumo: Esta tradução do latim para o português traz as quinze seções do Livro I da obra *Sobre os Benefícios (De beneficiis)* de Lúcio Aneu Sêneca, escrita por volta de 59 e 62 d.C. Neste livro, Sêneca instrui seu amigo Liberal sobre a famosa prática romana de troca de favores, conhecida como clientelismo. Sêneca procura demonstrar que tais costumes não podem ser meramente instrumentais, trazendo para a discussão a noção de gratidão e ingratidão para sustentar seu ponto de vista.

Palavras-chave: Sêneca; Benefícios; Estoicismo.

Abstract: Translation from Latin to Portuguese of the fifteen sections of Book I of *On Benefits*, a book written around 59 and 62 AD. In this book, Seneca gives instructions to his friend, Liberalis, about the famous Roman practice of exchange of gifts, known as patronage. Seneca seeks to demonstrate that such customs cannot be merely instrumental, and he introduces into the discussion the notion of gratitude and ingratitude to sustain this point of view.

Keywords: Seneca; Benefits; Stoicism.

SOBRE A OBRA

Uma das obras do período final da vida de Sêneca (4 a.C – 65 d.C), *Sobre os Benefícios (De beneficiis)*, escrita por volta de 59 e 62 d.C, é dividida em sete livros subdivididos em várias seções, contendo exortações que o filósofo faz ao seu amigo Liberal (*Aebutius Liberalis*), explorando e destrinchando o processo de concessão e recepção de favores, prática que ele julga comum entre nós.

Sobre o destinatário do ensaio moral pouco se sabe. Além de aparecer neste texto, Liberal é objeto de discussão em uma das cartas que Sêneca destinou a seu dileto amigo Lucílio. Logo no início da carta, Sêneca aponta

* Mestrandos em Filosofia da Univ. Federal de Goiás, Brasil. E-mail: georgecrf@hotmail.com, brenner.tev@hotmail.com

que Liberal era um amigo que ambos tinham em comum e sabemos também, por intermédio da carta 91, que Liberal era natural de Lião, na Gália, atualmente Lyon, cidade ao sul de Paris onde ocorrera um grande incêndio nessa colônia romana, que deixou Liberal arrasado. Sêneca aproveita a oportunidade da catástrofe para falar sobre como temos que meditar e estarmos prontos para esperar o inesperado¹. No tratado *Sobre os Benefícios*, ele usará das situações cotidianas para levar a cabo alguns aspectos da Filosofia estoíca.

A situação cotidiana que Sêneca chamará a atenção, como já anunciamos no tema do livro I, é a corriqueira prática dos romanos em dar e receber favores. Sêneca, como um homem público de grande importância, estava bem inteirado desses expedientes chamados Clientelismo. L. Oliveira nos fornece o contexto em que ele escreveu essa obra, intimamente ligada, como é toda sua bibliografia, ao seu papel público desde 37. Ele desejava desligar-se das suas funções, mas não gozava do mesmo prestígio de outrora, o que o teria motivado também a escrevê-la². Apesar de seu destacado papel político, podemos enxergar no texto a importância filosófica: Sêneca tece longos comentários sobre a gratidão, a ingratidão, suas origens, suas ocorrências, como devemos agir para nos libertarmos de uma e atingir a outra. *In summa*, explora a “generosidade e o reconhecimento que regem as relações dos seres no universo” (OLIVEIRA, p. 89, 2010).

Esse texto possui um “sabor especial” pelo fato de Sêneca abordar hábitos comuns de sua sociedade do ângulo filosófico, e procura demonstrar a seu amigo que tais ações não podem ser meramente instrumentais, ou seja, para ele tanto o ato de dar os benefícios quanto os de retribuir devem ser realizados com verdadeira vontade do indivíduo. Desse modo, apresenta várias noções da Ética estoíca.

SOBRE A TRADUÇÃO³

A tradução que se segue é parcial. Dentre os sete livros que compõem todo o ensaio intitulado *Sobre os Benefícios*, a atual contempla apenas o livro um. Outro detalhe que julgamos relevante destacar é que mantivemos em nossa tradução a numeração crítica para que o leitor possa acompanhar o texto em latim. Também informamos que em colchete, como aparece em alguns pontos ao longo do texto, inserimos algumas palavras ou pequenas asserções que podem dar ao leitor uma ajuda para complementar o sentido da sentença.

No que se refere ao aspecto técnico da tradução, debruçamos-nos sobre o texto em latim sem perder de vista outras traduções publicadas anteriormente, em espanhol e em inglês, usando-as para cotejos pontuais. Em espanhol utilizamos as traduções de Cristobal Rodriguez (1962) e Martín Fernández de Navarrete (2006); em inglês, utilizamos as traduções de Aubrey Stewart (2016), John Basore (1935) e Mirian Griffin e Brad Inwood (2011). Tivemos acesso ao texto em latim através do site *Perseus Digital Library*⁴, que utiliza o mesmo texto da edição bilíngue (latim/inglês) de John Basore, publicado pela editora da Universidade de Harvard.

Procuramos ser rigorosos ao texto original tendo como nossa principal referência o próprio estilo e objetivo de Sêneca. Martha Nussbaum (1994) afirma que Sêneca segue uma linhagem terapêutica, que enxerga a filosofia como um remédio para a alma⁵. Partindo da própria visão de Cícero, a preocupação dos filósofos que viam a filosofia como uma terapia para a alma não era só um conteúdo relevante e uma validade lógica e epistemológica, mas, sobretudo, que tivesse uma forma palatável ao ouvinte para que se produzisse uma mudança efetiva. Isso se verifica pelo fato de Sêneca ter escrito suas obras em latim quando, ainda no século I AC, a língua da filosofia era o grego; usou uma linguagem literária e coloquial em praticamente toda sua bibliografia, muitas vezes sendo criticado por não apresentar as posições filosóficas da escola estoica com mais energia, como é o caso da obra *De Ira*⁶. Sendo assim, em vários pontos do texto optamos por conservar esse estilo aveludado e simples, e não uma tradução mais literal e rígida.

Por agora, gostaríamos de esclarecer três conceitos usados na tradução: benefício, vício e doença. A palavra que Sêneca usa em latim é *beneficium*. Consultamos algumas outras versões de tradução em espanhol e em inglês. Na versão traduzida pelo Cristobal Rodriguez ele utiliza o termo *beneficios*. Em inglês, na versão de Aubrey Stewart, é usado o termo *benefits*. Por isso, optamos por usar em nossa tradução pelo uso das palavras benefício e favores, para deixar mais claro qual é a dimensão que Sêneca emprega no conceito. Já os termos vício e doença denotam a mesma palavra em latim: *Morbum*. Ora optamos por traduzir como vício, ora por traduzir como doença, dependendo do contexto em que Sêneca usa a palavra. Tentamos preservar este aspecto rico do seu estilo, que consiste em fazer analogias, principalmente com a Medicina. As outras palavras que podem gerar debate colocamos nas notas, ao longo do texto, para maior esclarecimento.

1.1

[1] Entre os muitos erros dos que vivem irrefletidamente e ao acaso, nenhum é mais prejudicial, caro Liberal, do que ignorar como nós concedemos e recebemos benefícios⁷. Com efeito, benefícios mal investidos resultam necessariamente em benefícios mal pagos, e logo reclamamos não receber retribuição equivalente aos quais, na verdade, já foram perdidos desde o momento que foram feitos. Não há, assim sendo, nada de estranho que entre os grandes vícios da humanidade, a ingratidão seja a mais frequente [2], pois vejo que isso ocorre por várias causas: a primeira é que, quando concedemos [benefícios], não fazemos uma seleção digna sobre quem os receberá, deveríamos, quando estamos prestes a concedê-los, primeiro fazer uma investigação cuidadosa sobre os meios e hábitos de vida de nosso devedor, a fim de evitar plantar sementes em um solo estéril e infértil, mas, sem qualquer discernimento, nós os espalhamos aleatoriamente, em vez de concedê-los⁸ apenas a quem merece. [3] Mal poderia dizer, agora, o que é mais vergonhoso, entre negar um benefício e cobrar os que já foram concedidos, sendo a dívida [do benefício] de uma natureza tal, que só se pode esperar que ela seja paga voluntariamente, quando o devedor estiver disposto; Por outro lado, negá-lo ou queixar-se de tê-lo feito, é tanto mais feio quanto o devedor não retribuir; o benefício é pago quando o fazemos. [4] Certamente há muitas pessoas ingratas, contudo, nós quem produzimos homens assim, porque ora cobramos com grande exigência e severidade o que concedemos; outras vezes ficamos lamentando, arrependidos, por ter beneficiado alguém; em outro momento nós somos rabugentos e aptos a encontrar defeitos em ninharias. Corrompemos, assim, todo senso de gratidão, não apenas depois de ter concedido, mas também no momento em que concedemos. [5] Quem de nós nunca negou um primeiro pedido? Quem, suspeitando que lhe pedirão ajuda, nunca não franziu a testa, ou virou o rosto, ou fingiu estar ocupado, ou propositalmente falou sem parar, para não dar a quem pleita a chance de proferir seu pedido, e evitando, com mil artifícios, ajudar seu amigo em suas necessidades, e, quando conduzido a um canto, não se desfazendo da questão, [6] acaba recusando covardemente ou prometendo ajudá-lo deselegantemente, com um rosto irônico e com palavras grosseiras, das quais está visivelmente ressentido?

1.1

[1] *Inter multos ac varios errores temere inconsulteque viventium nihil propemodum indignius, vir optime Liberalis, dixerim, quam quod beneficia nec dare scimus nec accipere. Sequitur enim, ut male collocata male debeantur; de quibus non redditis sero querimur; ista enim perierunt, cum darentur. Nec mirum est inter plurima maximaque vitia nullum esse frequentius quam ingrati animi. [2] Id evenire ex causis pluribus video. Prima illa est, quod non eligimus dignos, quibus tribuamus. Sed nomina facturi diligenter in patrimonium et vitam debitoris inquirimus, semina in solum effatum et sterile non spargimus; beneficia sine ullo dilectu magis proicimus quam damus. [3] Nec facile dixerim, utrum turpius sit infitari an repetere beneficium; id enim genus huius crediti est, ex quo tantum recipiendum sit, quantum ultro refertur. Decoquere vero foedissimum ob hoc ipsum, quia non opus est ad liberandam fidem facultatibus sed animo; reddit enim beneficium, qui debet. Sed cum sit in ipsis crimen, qui ne confessione quidem grati sunt, in nobis quoque est. [4] Multos experimur ingratos, plures facimus, quia alias graves exprobratores exactoresque sumus, alias leves et quos paulo post muneris sui paeniteat, alias queruli et minima momenta calumniantes. Gratiam omnem corrumpimus non tantum postquam dedimus beneficia, sed dum damus. [5] Quis nostrum contentus fuit aut leviter rogari aut semel? Quis non, cum aliquid a se peti suspicatus est, frontem adduxit, vultum avertit, occupationes simulavit, longis sermonibus et de industria non invenientibus exitum occasionem petendi abstulit et variis artibus necessitates prope- rantes elusit; [6] in angusto vero comprehensus aut distulit, id est timide negavit, aut promisit, sed difficulter, sed subductis superciliis, sed malignis et vix exeunti- bus verbis?*

* HOSIUS, C. *De Beneficiis* and *De Clementia*, 2nd ed. Leipzig (Teubner), 1914.

[7] Ninguém se alegra de dever o que não foi recebido generosamente de seu benfeitor, tão torturado pelo pedinte. Quem pode ser grato pelo que lhe foi concedido arrogantemente, ou atirado à força, ou lhe ter dado por cansaço, para evitar mais problemas? É um erro esperar gratidão daquele que lhe venceu no cansaço, ou adoeceu com expectativa [de obter um benefício]. [8] A retribuição de um benefício está subordinada a maneira como foi concedido, não devendo, portanto, ser negligentemente dado, pois receber de um homem indiferente é contrair uma dívida para si mesmo. Tampouco devemos conceder um benefício após um longo tempo de espera, porque em todos os bons ofícios a vontade do doador conta muito, e aquele que dá tardiamente provavelmente não está disposto a dar nada. Muito menos devemos, seguramente, concedê-los de maneira ofensiva, porque a natureza humana é tal que os insultos se enraízam mais que as gentilezas; a lembrança destas últimas passa logo, enquanto a do primeiro é enraizada na memória; Então, o que um homem pode esperar daquele que lhe insulta enquanto lhe favorece? Toda a gratidão que ele merece é ser perdoado por nos ajudar. [9] Por outro lado, o número dos ingratos não deve nos impedir de buscar a gratidão dos homens; pois, em primeiro lugar, esse número é dilatado pelos nossos próprios atos. Em segundo lugar, o sacrilégio e a indiferença à religião de alguns homens não impedem nem mesmo os deuses imortais de continuarem despejando seus benefícios sobre nós: pois eles agem de acordo com sua natureza divina e ajudam a todos, inclusive aqueles que apreciam impiamente sua generosidade. Vamos tê-los como nossos exemplos⁹, até onde a fraqueza de nossa natureza mortal permitir; isto é, deixemo-nos conceder benefícios, sem expor o outro a juros. O homem que, enquanto dá, pensa no que receberá em troca, merece ser enganado. O benefício acabará mal. [10] Ora, nossas esposas e nossos filhos muitas vezes desapontam nossas esperanças, mas ainda assim nos casamos e os criamos, e somos tão obstinados em face da experiência com a qual lutamos que mesmo depois de naufragarmos, nos colocamos no mar. Esta é a constância que deveríamos mostrar ao conceder benefícios! Se um homem não concede benefícios porque não recebeu nenhum, quando concedê-los o fará para receber algo em troca, assim, a vergonha de sua ingratidão não está em não devolver os benefícios, mas, certamente, em não fazê-los quando for capaz.

[7] *Nemo autem libenter debet, quod non accepit, sed expressit. Gratus adversus eum esse quisquam potest, qui beneficium aut superbe abiecit aut iratus impegit aut fatigatus, ut molestia careret, dedit? Errat, si quis sperat responsurum sibi, quem dilatione lassavit, expectatione torsit. [8] Eodem animo beneficium debetur, quo datur, et ideo non est negligenter dandum; sibi enim quisque debet, quod a nesciente accepit; ne tarde quidem, quia, cum omni in officio magni aestimetur dantis voluntas, qui tarde fecit, diu noluit; utique non contumeliose; nam eum ita natura comparatum sit, ut altius iniuriae quam merita descendant et illa cito defluant, has tenax memoria custodiat, quid expectat, qui offendit, dum obligat? Satis adversus illum gratus est, si quis beneficio eius ignoscit. [9] Non est autem, quod tardiores faciat ad bene merendum turba ingratorum. Nam primum, ut dixi, nos illam augemus; deinde ne deos quidem immortales ab hac tam effusa nec cessante benignitate sacrilegi negligentesque eorum deterrent. Utuntur natura sua et cuncta interque illa ipsos munerum suorum malos interpretes iuvant. Hos sequamur duces, quantum humana imbecillitas patitur; demus beneficia, non feneremus. Dignus est decipi, qui de recipiendo cogitavit, cum daret. At male cesserit. [10] Et liberi et coniuges spem fefellerunt, tamen et educamus et ducimus, adeoque adversus experimenta pertinaces sumus, ut bella victi et naufragi maria repetamus. Quanto magis permanere in dandis beneficiis decet! Quae si quis non dat, quia non recepit, dedit, ut reciperet, bonamque ingratorum facit causam, quibus turpe est non reddere, si licet.*

[11] Quantos de nós somos indignos da luz do sol! E mesmo assim ela se faz presente. Quantos reclamam porque nasceram! Mas a Natureza está sempre renovando nossa raça e até mesmo tolerando homens que desejam viver e nunca viveram. [12] É próprio de espíritos nobres e elevados fazer o bem sem se preocupar com a recompensa, pensando somente na pessoa beneficiada, buscando sempre o homem bom, mesmo após enfrentar numerosos homens vis. Se não houvesse impostores, que glória haveria em fazer o bem a muitos? A virtude consiste em conceder benefícios para os quais não temos certeza de encontrar qualquer retorno, mas cujo fruto é saboreado por espíritos nobres. [13] Tão pouca influência [os homens impostores] deveriam ter para nos impedir de fazer boas ações, até mesmo se me negassem a esperança de encontrar um homem grato, ainda assim o medo de não ter meus benefícios retribuídos não impediria que eu os fizesse, porque, afinal, quem nada concede, previne o vício daquele que é ingrato. Explicar-te-ei o que quero dizer. Aquele que não paga um benefício, peca¹⁰ mais, mas aquele que não concede um, peca mais cedo.

1.2

[1] *“Se tu pensas em dar benefícios ao vulgo,
Tu perderás muitas coisas, para conceder o bem uma vez só”*.¹¹

Têm-se que corrigir todo o primeiro verso, quanto ao significado: primeiramente não temos que conceder benefícios ao vulgo; em segundo lugar, não convém ser pródigo com nada, muito menos com os benefícios: porque, a menos que sejam dados com julgamento, eles deixam de ser benefícios e passam a ser chamados por qualquer outro nome que tu queiras. [2] O segundo verso é maravilhoso, pois um benefício bem dado nos consola a perda de muitos¹². Peço-lhe com toda consideração se não seria mais verdadeiro e mais conveniente ter a dignidade de um homem generoso, sendo assim, aconselho-te que sempre conceda benefícios, mesmo sendo mal recompensado em todas as tuas dádivas. “Muitos benefícios se perderam”. Nada se perde, porque, afinal, quem perde contou o custo antes.

[11] *Quam multi indigni luce sunt! Tamen dies oritur. Quam multi, quod nati sunt, queruntur! Tamen natura subolem novam gignit ipsosque, qui non fuisse mallent, esse patitur.* [12] *Hoc et magni animi et boni proprium est, non fructum beneficiorum sequi, sed ipsa et post malos quoque bonum quaerere. Quid magnifici erat multis prodesse, si nemo deceperit? Nunc est virtus dare beneficia non utique reditura, quorum a viro egregio statim fructus perceptus est.* [13] *Adeo quidem ista res fugare nos et pigriores ad rem pulcherrimam facere non debet, ut, si spes mihi praecidatur gratum hominem reperiendi, malim non recipere beneficia quam non dare, quia, qui non dat, vitium ingrati antecedit. Dicam, quod sentio. Qui beneficium non reddit, magis peccat; qui non dat, citius.*

1.2

[1] *Beneficia in vulgus cum largiri institueris, perdenda sunt multa, ut semel ponas bene.*

In priore versu utrumque reprehendas; nam nec in vulgum effundenda sunt, et nullius rei, minime beneficiorum, honesta largitio est; quibus si detraxeris iudicium, desinunt esse beneficia, in aliud quodlibet incident nomen. [2] *Sequens sensus mirificus est, qui uno bene posito beneficio multorum amissionum damna solatur. Vide, oro te, ne hoc et verius sit et magnitudini bene facientis aptius, ut illum hortemur ad danda, etiam si nullum bene positurus est. Illud enim falsum est “perdenda sunt multa”; nullum perit, quia, qui perdit, computaverat.*

[3] A contabilidade de benefícios é simples: é tudo despesa; se alguém o devolve, isso é certamente um ganho; se ele não o devolver, não está perdido, dei-o por dar¹³. Ninguém anota seus benefícios em um livro ou, como um credor avarento, que exige o pagamento para o dia e a hora combinado. Um bom homem nunca pensa em tais assuntos, a menos que seja lembrado por alguém que esteja devolvendo seus favores; do contrário, eles se tornariam dívidas. É torpe usura considerar o benefício como uma despesa. [4] Qualquer que tenha sido o resultado de teus benefícios anteriores, persevere em conceder outros aos homens; estarão [os benefícios] todos melhores colocados nas mãos dos ingratos, que algum dia poderão tornarem-se gratos, mesmo que seja através da vergonha, da oportunidade favorável [de retribuir o favor], ou da imitação dos outros. Não pare, aja como um bom homem. Ajude um homem com dinheiro, outro com crédito, outro com teu favor; este homem com bons conselhos, aquele com preceitos salubres. [5] Mesmo os animais selvagens sentem gentileza, e nenhum animal é tão selvagem que um bom tratamento não o tranquilize e desperte o seu amor. As bocas dos leões são manuseadas pelos seus guardas com impunidade; para obter seus alimentos os ferozes elefantes tornam-se tão dóceis quanto os escravos: de modo que a bondade constante e incessante conquista os corações até mesmo de criaturas que, por sua natureza, não podem compreender ou pesar o valor de um benefício. Um homem é ingrato em relação a um único benefício? Talvez ele não seja assim depois de receber um segundo. Ele se esqueceu de duas gentilezas? Talvez através de uma terceira ele possa recuperar a lembrança dos antigos.

1.3

[1] Perde um benefício aquele que acredita tê-lo jogado fora; mas aquele que pressiona, acrescentando novos benefícios aos antigos, provoca a gratidão mesmo de um peito duro e esquecido. Ele não ousará levantar os olhos diante de tantas dádivas; para onde quer que ele se dirija, querendo escapar à sua memória, mesmo assim te encontrará; envolvendo-o com os teus benefícios. [2] Quanto ao poder e propriedade destes [dos benefícios], explicar-te-ei, mas antes, permita-me olhar para um tema que não pertence ao nosso assunto. As Graças¹⁴ são três em número, por que são irmãs, por que estão de mãos dadas, e por que estão sorridentes e joviais, com uma túnica solta e transparente.

[3] *Beneficiorum simplex ratio est: tantum erogatur; si reddet aliquid, lucrum est, si non reddet, damnum non est. Ego illud dedi, ut darem. Nemo beneficia in calendario scribit nec avarus exactor ad horam et diem appellat. Numquam illa vir bonus cogitat nisi admonitus a reddente; alioqui in formam crediti transeunt. Turpis feneratio est beneficium expensum ferre.* [4] *Qualiscumque priorum eventus est, persevera in alios conferre; melius apud ingratos iacebunt, quos aut pudor aut occasio aut imitatio aliquando gratos poterit efficere. Ne cessaveris, opus tuum perage et partes boni viri exsequere. Alium re, alium fide, alium gratia, alium consilio, alium praeceptis salubribus adiuva.* [5] *Officia etiam ferae sentiunt, nec ullum tam immansuetum animal est, quod non cura mitiget et in amorem sui vertat. Leonum ora a magistris impune tractantur, elephantorum feritatem usque in servile obsequium demeretur cibus; adeo etiam, quae extra intellectum atque aestimationem beneficium posita sunt, adsiduitas tamen meriti pertinacis evincit. Ingratus est adversus unum beneficium? Adversus alterum non erit. Duorum oblitus est? Tertium etiam in eorum, quae exciderunt, memoriam reducet.*

1.3

[1] *Is perdet beneficia, qui cito se perdidisse credit; at qui instat et onerat priora sequentibus, etiam ex duro et immemori pectore gratiam extundit. Non audebit adversus multa oculos attollere; quocumque se convertit memoriam suam fugiens, ibi te videat: beneficiis illum tuis cinge.* [2] *Quorum quae vis quaeve proprietates sit, dicam, si prius illa, quae ad rem non pertinent, transilire mihi permiseris, quare tres Gratiae et quare sorores sint, et quare manibus implexis, et quare ridentes et iuvenes et virgines solutaque ac perlucida veste.*

[3] Alguns escritores pensam que há uma que concede um benefício, uma que o recebe e uma terceira que o devolve; outros dizem que representam os três tipos de benfeitoras, aquelas que doam, aquelas que pagam e aquelas que os recebem e reembolsam. [4] Mas tome o que quiser para ser verdadeiro; o que esse conhecimento nos trará? Qual é o significado dessa dança de irmãs em círculo, de mãos dadas? Isso significa que o curso de um benefício é de mão em mão, de volta para o doador; que a beleza de toda a cadeia é perdida se um único elo falhar, e que é mais justo quando ele prossegue em ordem regular ininterrupta. Na dança o melhor homem, além dos outros, é quem representa os doadores de benefícios. [5] Seus rostos são alegres, como aqueles dos homens que concedem ou recebem benefícios costumam ser. Elas são jovens, porque a memória dos benefícios não deve envelhecer. São virgens, porque os benefícios são puros e imaculados e são santificados por todos; nos benefícios não deve haver condições estritas ou vinculativas; suas túnicas são transparentes como os benefícios vistos. [6] Mas suponha que alguém seja tão dedicado aos gregos que ache essas questões tão emancipadoras; mas não pode haver ninguém que pense que os nomes que Hesíodo lhes deu dizem respeito ao nosso assunto. Ele nomeou a mais velha Aglaia¹⁵, a do meio Eufrosine¹⁶ e a terceira Tália¹⁷. Cada um [dos poetas], de acordo com suas próprias ideias, distorce o significado desses nomes, tentando reconciliá-los com algum sistema, embora Hesíodo simplesmente tenha dado as suas donzelas os nomes de sua própria fantasia. [7] Em Homero uma delas, Pasitea¹⁸, ganhou outro nome; Homero também lhe arranhou um marido¹⁹, para que saibamos que elas não eram virgens vestais²⁰. Eu poderia encontrar outro poeta, em cujos escritos elas estão cingidas, e usam vestes grossas ou bordadas²¹ da Frígia²². Mercúrio²³ permanece com elas não porque a razão e as boas razões tornam os benefícios recomendáveis, mas porque o poeta escolheu fazê-lo. [8] Também Crisipo²⁴, aquele homem de intelecto penetrante, que viu até o fundo da verdade, que falava apenas com precisão, e não fazia uso de mais palavras do que o necessário para expressar seu pensamento, preenche todo o seu tratado²⁵ com essas frivolidades, de modo que ele diz apenas muito pouco sobre os deveres²⁶ de conceder, receber e devolver um benefício; ele não colocou as fábulas em sua discussão, mas colocou a discussão em suas fábulas.

[3] *Alii quidem videri volunt unam esse, quae det beneficium, alteram, quae accipiat, tertiam, quae reddat; alii tria beneficorum esse genera, promerentium, reddentium, simul accipientium reddentiumque.* [4] *Sed utrumlibet existis iudica verum; quid ista nos scientia iuvat? Quid ille consertis manibus in se redeuntium chorus? Ob hoc, quia ordo beneficii per manus transeuntis nibilo minus ad dantem revertitur et totius speciem perdit, si usquam interruptus est, pulcherrimus, si cohaeret et vices servat. In eo est aliqua tamen maioris dignatio, sicut promerentium.* [5] *Vultus bilari sunt, quales solent esse, qui dant vel accipiunt beneficia; iuvenes, quia non debet beneficiorum memoria senescere; virgines, quia incorrupta sunt et sincera et omnibus sancta; in quibus nihil esse adligati decet nec adstricti; solutis itaque tunicis utuntur; perlucidis autem, quia beneficia conspici volunt.* [6] *Sit aliquis usque eo Graecis emancipatus, ut haec dicat necessaria; nemo tamen erit, qui etiam illud ad rem iudicet pertinere, quae nomina illis Hesiodus imposuerit. Aglaien maximam natu appellavit, mediam Euphrosynen, tertiam Thaliā. Horum nominum interpretationem, prout cuique visum est, deflectit et ad rationem aliquam conatur perducere, cum Hesiodus puellis suis, quod voluit, nomen imposuerit.* [7] *Itaque Homerus uni mutavit, Pasitbean appellavit et in matrimonium promisit, ut scias non esse illas virgines Vestales. Inveniam alium poetam, apud quem praecingantur et spissis aut Phryxianis prodeant. Ergo et Mercurius una stat, non quia beneficia ratio commendat vel oratio, sed quia pictori ita visum est.* [8] *Chrysippus quoque, penes quem subtile illud acumen est et in imam penetrans veritatem, qui rei agenda causa loquitur et verbis non ultra, quam ad intellectum satis est, utitur, totum librum suum his ineptus replet, ita ut de ipso officio dandi, accipienda reddendi beneficii pauca admodum dicat; nec his fabulas, sed haec fabulis inserit.*

[9] Para não mencionar o que Hecatão²⁷, seguindo Crisipo, nos diz que as três Graças são filhas de Júpiter e Eurínome²⁸, que elas são mais jovens que as Horas²⁹, e bem mais bonitas, e que por causa disso, elas são designadas como companheiras para Vênus³⁰. Ele também pensa que o nome da mãe [das Graças] tem relação com o assunto, sendo chamada de Eurínome porque distribuir benefícios requer uma ampla herança; como se a mãe geralmente recebesse seu nome depois de suas filhas, ou como se os nomes dados pelos poetas fossem verdadeiros. [10] Na verdade, assim como a audácia de um “nomenclador”³¹ fornece o lugar da memória, e ele inventa um nome para cada um cujo nome ele não consegue lembrar, os poetas pensam que não é importante falar a verdade, mas são forçados pelas exigências de métrica, ou atraídos pela doçura do som, para chamar a todos, qualquer que seja o nome, de modo a encaixar perfeitamente no verso. Nem sofrem por isso se introduzem outro nome na lista, pois o poeta seguinte faz com que tenham o nome que lhe agrada. Para que tu possas saber que isso é assim, cito o exemplo de Tália, nosso assunto atual do discurso, que é uma das Graças nos poemas de Hesíodo, enquanto nas de Homero ela é uma das Musas.

1.4

[1] Para que eu não faça exatamente aquilo que estou repreendendo, passarei por todos esses assuntos, tão distantes do nosso tema, que nem sequer estão ligados a ele. Peço que me apoie, caso alguém me ataque por ter repreendido Crisipo, que, por Hércules, era um grande homem, mas ainda assim um grego, cujo intelecto, apontado por muitos como abundante, é frequentemente curvado e voltado para si mesmo; mesmo quando parece ser sério, só alfineta, mas não perfura. Aqui, porém, que ocasião existe para sutileza? [2] Estamos falando de benefícios e de definir uma questão que é o principal elo da sociedade humana; devemos estabelecer uma regra de vida, de tal modo que, a liberalidade descuidada não possa nos enganar, sob a aparência de bondade de coração, e ainda que nossa circunspeção, embora moderada, não extinga nossa generosidade, uma qualidade na qual devemos nem exceder nem ficar aquém. [3] Trata-se de ensinar como devemos dar e receber voluntariamente, não apenas competindo por igualar, mas sim para vencer a si mesmo em ânimo e obras aos que nos concedem benefício; porque os homens cujo dever é retribuir nunca poderá fazê-lo, a menos que supere seus benfeitores; ou seja, os benfeitores devem ser ensinados a não buscar retorno, e os homens cujo dever é retribuir, a sentir uma gratidão mais profunda.

[9] *Nam praeter ista, quae Hecaton transcribit, tres Chrysippus Gratias ait Iovis et Eurynomes filias esse, aetate autem minores quam Horas, sed meliuscula facie et ideo Veneri datas comites. Matris quoque nomen ad rem iudicat pertinere: Eurynomen enim dictam, quia late patentis patrimonii sit beneficia dividere; tamquam matri post filias soleat nomen imponi aut poetae vera nomina reddant!*
 [10] *Quemadmodum nomenclatori memoriae loco audacia est et, cuicumque nomen non potest reddere, imponit, ita poetae non putant ad rem pertinere verum dicere, sed aut necessitate coacti aut decore corrupti id quemque vocari iubent, quod belle facit ad versum. Nec illis fraudi est, si aliud in censum detulerunt; proximus enim poeta suum illas ferre nomen iubet. Hoc ut scias ita esse, ecce Thalia, de qua cum maxime agitur, apud Hesiodum Charis est, apud Homerum Musa.*

1.4

[1] *Sed ne faciam, quod reprehendo, omnia ista, quae ita extra rem sunt, ut ne circa rem quidem sint, relinquam. Tu modo nos tuere, si quis mihi obiciet, quod Chrysippum in ordinem coegerim, magnum mehercules virum, sed tamen Graecum, cuius acumen nimis tenue retunditur et in se saepe replicatur; etiam cum agere aliquid videtur, pungit, non per-forat. Hic vero quod acumen est?* [2] *De beneficiis dicendum est et ordinanda res, quae maxime humanam societatem alligat; danda lex vitae, ne sub specie benignitatis inconsulta facilitas placeat, ne liberalitatem, quam nec deesse oportet nec superfluere, haec ipsa observatio restringat, dum temperat;* [3] *docendi sunt libenter dare, libenter accipere, libenter reddere et magnum ipsis certamen proponere, eos, quibus obligati sunt, re animoque non tantum aequare sed vincere, quia, qui referre gratiam debet, numquam consequitur, nisi praecessit; hi docendi sunt nihil imputare, illi plus debere.*

[4] Crísipo nos exorta sobre este sabor de vencer os benefícios com mais benefícios, pois, sendo as Graças filhas de Júpiter, a ingratidão seria um sacrilégio, até mesmo uma injúria, diante de tantas divinas beldades! [5] Ensina-me alguma maneira para me tornar um benfeitor, e ser mais grato com as pessoas que ganharam minha gratidão, e como as mentes de ambas as partes podem competir umas com as outras, um doando o esquecimento, e o outro com dívida em sua lembrança. Quanto a essas outras tolices, deixem-nas para os poetas, cujo propósito é meramente encantar o ouvido e tecer uma história doce. [6] Mas aqueles que se propõem a melhorar nosso entendimento e colocar a gratidão na humanidade, devem falar seriamente, colocando na mesa toda sua conduta virtuosa; a menos que tu imagines, por acaso, que tais fábulas e contos de velhas, possam impedir a mudança mais destrutiva possível: um cancelamento dos benefícios.

1.5

[1] Após termos falado dessas fábulas sem importância, devemos entrar na matéria, para a qual direi primeiramente, sobre o que devemos em troca de um benefício recebido. Todos nos declaramos devedores, uns por ter recebido dinheiro, outros por um consulado, outros por um sacerdócio, e outros pelo governo de uma província. [2] Mas estas coisas, são apenas sinais exteriores de gentileza, não as próprias gentilezas. Um benefício não é para ser palpável com as mãos, é uma coisa que existe apenas no espírito. Grande é a diferença entre a matéria do benefício e o benefício em si mesmo, ele não se constitui no ouro, nem na prata, em nada do que recebemos dos amigos, se não a própria vontade de dividir. Os ignorantes se prendem unicamente ao que veem, o que se concede e o que se recebe, depreciando quase o que há de verdadeiramente estimável e precioso nos benefícios. [3] As coisas que mantemos em nossas mãos, que vemos com nossos olhos e que nossa avareza abraça, são transitórias, podem ser tiradas de nós pela fortuna ou pela violência; uma bondade dura mesmo depois da perda daquilo por meio da qual foi concedida; porque é uma boa ação, que nenhuma violência pode desfazer. [4] Por exemplo, suponha que eu resgatei um amigo de piratas, mas outro pirata pegou-o e atirou-o na prisão. O pirata não tirou meu benefício, mas apenas tirou de meu amigo o prazer do meu benefício. Ou suponha que eu salvei os filhos de um homem de um naufrágio ou de um incêndio, e que depois disso a doença ou o acidente os levaram; mesmo quando não existem mais, a bondade feita para eles permanece.

[4] *Ad hanc honestissimam contentionem beneficii beneficia vincendi sic nos adhortatur Chrysippus, ut dicat verendum esse, ne, quia Charites Iovis filiae sunt, parum se grate gerere sacri- legium sit et tam bellis puellis fiat iniuria!*

[5] *Tu me aliquid eorum doce, per quae beneficentior graviorque adversus bene merentes fiam, per quae obligantium obligatorumque animi certent, ut, qui praestiterunt, obliviscantur, pertinax sit memoria debentium. Istae vero ineptiae poetis relinquuntur, quibus aures oblectare propositum est et dulcem fabulam nectere.* [6] *At qui ingenia sanare et fidem in rebus humanis retinere, memoriam officiorum ingerere animis volunt, serio loquantur et magnis viribus agant; nisi forte existimas levi ac fabuloso sermone et anilibus argumentis prohiberi posse rem perniciosissimam, beneficiorum novas tabulas.*

1.5

[1] *Sed quemadmodum supervacua transcurram, ita exponam necesse est hoc primum nobis esse discendum, quid accepto beneficio debeamus. Debere enim se ait alius pecuniam, quam accepit, alius consulatum, alius sacerdotium, alius provinciam.* [2] *Ista autem sunt meritorum signa, non merita. Non potest beneficium manu tangi; res animo geritur. Multum interest inter materiam beneficii et beneficium; itaque nec aurum nec argentum nec quicquam eorum, quae pro maximis accipiuntur, beneficium est, sed ipsa tribuentis voluntas. Imperiti autem id, quod oculis incurrit et quod traditur possideturque, solum notant, cum contra illud, quod in re carum atque pretiosum est, parvi pendunt.* [3] *Haec, quae tenemus, quae aspicimus, in quibus cupiditas nostra haeret, caduca sunt, auferre nobis et fortuna et iniuria potest. Beneficium etiam amisso eo, per quod datum est, durat; est enim recte factum, quod irritum nulla vis efficit.* [4] *Amicum a piratis redemi, hunc alius hostis excepit et in carcerem condidit; non beneficium, sed usum beneficii mei sustulit. Ex naufragio alicui raptos vel ex incendio liberos reddidi, hos vel morbus vel aliqua fortuita iniuria eripuit; manet etiam sine illis, quod in illis datum est.*

[5] Todas essas coisas, portanto, que incorretamente assumem o nome de benefícios, são meios pelos quais o sentimento bondoso se manifesta. Em outros casos, também encontramos uma distinção entre o símbolo visível e a matéria em si, como quando um general premia um soldado, dando-lhe uma coroa mural ou um colar³². **[6]** Qual o valor da coroa em si? Ou da túnica com bordas púrpuras³³? O que elas mudam? Ou o tribunal e o carro, do triunfo? Nenhuma dessas coisas é em si uma honra, mas antes, apenas um símbolo de honra. Da mesma forma, aquilo que vemos não é um benefício, mas apenas o vestígio e o sinal deste.

1.6

[1] O que é, pois, um benefício? É uma ação benéfica, agradável pelo prazer em si que ele proporciona. O que importa, por conseguinte, não é o que se concede, mas a maneira que se faz; o benefício não consiste no que se dá, e sim, no estado de ânimo do benfeitor. **[2]** Para que compreendas melhor essa distinção, considere que o benefício é sempre bom, no entanto, aquilo que se dá não é bom nem mau em si. O espírito é o que dá valor nas coisas menores, lustra e faz brilhar as coisas mais vis, tirando o valor das maiores e das que parecem ter maior preço; mas as coisas que desejamos são indiferentes³⁴, nem boas nem más; tudo depende da direção que lhes é dada pelo espírito, guia do qual as coisas recebem sua forma. **[3]** Aquilo que é pago ou entregue não é o benefício em si, assim como a honra que pagamos aos deuses não reside nas próprias vítimas, pouco importa que as vítimas sejam numerosas ou que estejam adornadas de ouro; o verdadeiro culto divino reside na piedade e firme vontade dos crentes. Assim os homens bons são religiosos, embora sua oferta seja refeição e seus vasos de barro; enquanto os homens cruéis não escapam de sua impiedade, apesar de derramarem o sangue de muitas vítimas sobre os altares.

[5] *Omnia itaque, quae falsum beneficii nomen usurpant, ministeria sunt, per quae se voluntas amica explicat. Hoc in aliis quoque rebus evenit, ut aliubi sit species rei, aliubi ipsa res. Imperator aliquem torquibus, murali et civica donat. [6] Quid habet per se corona pretiosum? Quid praetexta? Quid fascies? Quid tribunal et currus? Nihil horum honor est, sed honoris insigne. Sic non est beneficium id, quod sub oculos venit, sed beneficii vestigium et nota.*

1.6

[1] *Quid est ergo beneficium? Benevola actio tribuens gaudium capiensque tribuendo in id, quod facit, prona et sponte sua parata. Itaque non, quid fiat aut quid detur, refert, sed qua mente, quia beneficium non in eo, quod fit aut datur, consistit, sed in ipso dantis aut facientis animo. [2] Magnum autem esse inter ista discrimen vel ex hoc intellegas licet, quod beneficium utique bonum est, id autem, quod fit aut datur, nec bonum nec malum est. Animus est, qui parva extollit, sordida illustrat, magna et in pretio habita debonestat; ipsa, quae appetuntur, neutram naturam habent, nec boni nec mali; refert, quo illa rector impellat, a quo forma rebus datur. [3] Non est beneficium ipsum, quod numeratur aut traditur, sicut ne in victimis quidem, licet opimae sint auroque praefulgeant, deorum est honor sed recta ac pia voluntate venerantium. Itaque boni etiam farre ac fitilla religiosi sunt; mali rursus non effugiunt impietatem, quamvis aras sanguine multo cruentaverint.*

1.7

[1] Se os benefícios consistissem nas coisas mesmas, e não na intenção, então eles seriam maiores e mais valiosos dependendo do objeto recebido. Mas isso não é verdade, pois às vezes sentimos mais gratidão àquele que deu pouco com nobreza que, “em intenção alcança as riquezas dos reis”, nos dá pouco, mas com vontade que até esquece sua própria necessidade quando vê a minha, que tem não apenas um desejo, mas o desejo de ajudar, que acha que recebe um benefício quando concede um, que concede como se não fosse receber retorno, recebe um pagamento como se ele originalmente não tivesse dado nada, e olha e aproveita a oportunidade de ser útil. **[2]** Ao contrário, como disse antes, aqueles dons que dificilmente são arrancados do doador, ou que se desprendem de suas mãos, não reclamam gratidão de nós, por maiores que possam parecer e possam ser. **[3]** Valorizamos muito mais o que vem de uma mão disposta do que o que vem forçosamente de uma mão cheia³⁵. Este homem deu-me pouco, mas ele não podia pagar, enquanto o outro alguém concedeu-me muito, mas dado através de hesitação, adiamento, resmungos, e quando finalmente ele deu, o fez de modo soberbo; oferecendo isso por sua própria ambição, não por mim.

1.8

[1] Quando os alunos de Sócrates, cada um em proporção aos seus meios, davam-lhe grandes presentes, Ésquines³⁶, um pobre aluno, disse: “Não consigo encontrar nada para lhe dar que seja digno de ti; sinto minha pobreza só a esse respeito. Eu apresento a ti a única coisa que possuo, eu mesmo, e peço para que tu possas levar este meu presente, tal como é, em boa parte, e possa lembrar que os outros, embora tenham lhe dado muito, ainda deixaram para si mesmos mais do que eles deram.” Sócrates respondeu: **[2]** “Certamente tu me destes um grande presente, ou por acaso tu atribuis um pequeno valor a ti mesmo? Por isso, esforçar-me-ei para transformá-lo em um homem melhor do que era quando te recebi.” Por este presente Ésquines superou Alcibíades³⁷, cujo espírito era tão grande quanto a sua riqueza, e tinha todo o esplendor dos jovens mais ricos de Atenas.

[1] Si beneficia in rebus, non in ipsa beneficiendi voluntate consisterent, eo maiora essent, quo maiora sunt, quae accipimus. Id autem falsum est; non numquam enim magis nos obligat, qui dedit parva magnifice, qui “regum aequavit opes animo,” qui exiguum tribuit sed libenter, qui paupertatis suae oblitus est, dum meam respicit, qui non voluntatem tantum iuvandi habuit sed cupiditatem, qui accipere se putavit beneficium, cum daret, qui dedit tamquam numquam recepturus, recepit, tamquam non dedisset, qui occasionem, qua prodesset, et occupavit et quaesiit. [2] Contra ingrata sunt, ut dixi, licet re ac specie magna videantur, quae danti aut extorquentur aut excidunt, multoque gratius venit, quod facili quam quod plena manu datur. [3] Exiguum est, quod in me contulit, sed amplius non potuit; at hic quod dedit, magnum est, sed dubitavit, sed distulit, sed, cum daret, gemit, sed superbe dedit, sed circumtulit et placere non ei, cui praestabat, voluit; ambitioni dedit, non mihi.

1.8

[1] Socrati cum multa pro suis quisque facultatibus offerrent, Aeschines, pauper auditor: “Nihil,” inquit, “dignum te, quod dare tibi possim, invenio et hoc uno modo pauperem esse me sentio. Itaque dono tibi, quod unum habeo, me ipsum. Hoc munus rogo, qualecumque est, boni consulas cogitesque alios, cum multum tibi darent, plus sibi reliquisse.” Cui Socrates: [2] “Quidni tu,” inquit, “magnum munus mihi dederis, nisi forte te parvo aestimas? Habebo itaque curae, ut te meliorem tibi reddam, quam accepi.” Vicit Aeschines hoc munere Alcibiadis parem divitiis animum et omnem iuvenum opulentorum munificentiam.

1.9

[1] Tu vês como o espírito, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, encontra os meios de generosidade. Ésquines me parece ter dito: “Fortuna, é em vão que me fizeste pobre; encontrarei um presente digno para este homem. Como não lhe posso dar nada de ti, darei-lhe algo de mim mesmo.” Não é necessário supor que ele se sentiu desvalorizado; pelo contrário, ele fez seu próprio preço. Por um golpe de gênio, esse jovem descobriu um meio de presentear Sócrates com ele próprio. Não devemos considerar quão grandes são os presentes, mas em que espírito eles são dados. **[2]** Um homem rico é bem falado se for esperto o bastante para se tornar de fácil acesso aos homens de ambição desmedida, e embora pretenda não fazer nada para ajudá-los, encoraja suas esperanças inconcebíveis; ele pode ser considerado pior do que se ele fosse afiado de língua, azedo na aparência, e mostrasse sua riqueza de uma maneira invejosa. Pois os homens respeitam e detestam um homem afortunado, odeiam-no por fazer o que todos, caso tivessem a chance, fariam igual. [...]³⁸

[3] Os homens hoje em dia, não mais secretamente, mas abertamente, ultrajam as esposas dos outros, e permitem que outros tenham acesso às suas próprias esposas. Considera-se uma condição rústica, incivilizada, de mau gosto e protestada por todas as senhoras, se o marido proibir sua esposa de aparecer em público e ser exposta ao olhar de todos os observadores. **[4]** Se um homem não se tornou notório por uma ligação com alguma amante, se ele não pagar uma anuidade à esposa de outra pessoa, as mulheres casadas falam dele como uma criatura mal-humorada, um homem dado a um vício baixo, um amante de garotas servas. Logo, o adultério se torna a forma mais respeitável de casamento, como a viuvez e o celibato são comumente praticados. **[5]** Não se casa, senão aquele que leva embora a [mulher de outrem]. Agora os homens competem uns com os outros para desperdiçar o que roubaram, e colecionar seus desperdícios com a avareza mais aguda; eles se tornam totalmente imprudentes, desprezam a pobreza alheia, temem mais danos pessoais do que qualquer outra coisa, quebram a paz com seus distúrbios, e pela violência e terror se impõem sobre aqueles que são mais fracos. Não é de admirar que eles saquearam províncias e colocaram o tribunal a venda, batendo o martelo para o maior lance, já que é próprio do direito dos povos vender o que tiveres comprado!³⁹

[1] Vides, quomodo animus inveniatur liberalitatis materiam etiam inter angustias. Videtur mihi dixisse: “Nihil egisti, fortuna, quod me pauperem esse voluisti; expedit dignum nihilo minus huic viro munus, et quia de tuo non possum, de meo dabo.” Neque est, quod existimes illum vilem sibi fuisse: pretium se sui fecit. Ingeniosus adulescens invenit, quemadmodum Socraten sibi daret. Non quanta quaeque sint, sed a quali profecta, prospiciendum. [2] Callidus non difficilem aditum praebuit immodica cupientibus spesque improbas nihil re adiuturus verbis fovit; at peior opinio, si lingua asper, vultu gravis cum invidia fortunam suam explicuit. Colunt enim detestanturque felicem et, si potuerint, eadem facturi odere facientem. [3] Coniugibus alienis ne clam quidem sed aperte ludibrio habitis suas aliis permisere. Rusticus, inhumane ac mali moris et inter matronas abominanda condicio est, si quis coniugem suam in sella prostare vetuit et vulgo admissis inspectoribus vehi perspicuam undique. [4] Si quis nulla se amica fecit insignem nec alienae uxori annum praestat, hunc matronae humilem et sordidae libidinis et ancilliariorum vocant. Inde decentissimum sponsaliorum genus est adulterium et in consensu vidui caelibatus, quoniam nemo uxorem duxit, nisi qui abduxit. [5] Iam raptam spargere, sparsa fera et acri avaritia recolligere certant; nihil pensi habere, paupertatem alienam contemnere, suam magis quam ullum aliud vereri malum, pacem iniuriis perturbare, imbecilliores vi ac metu premere. Nam provincias spoliari et nummarium tribunal audita utrimque licitatione alteri adduci non mirum, quoniam, quae emeris, vendere gentium ius est!

[1] No entanto, meu entusiasmo me levou mais longe do que pretendia, sendo o assunto convidativo. Deixe-me, então, terminar apontando que a desgraça desses crimes não pertence especialmente ao nosso próprio tempo. Nossos antepassados lamentaram, nossos filhos lamentarão, como nós lamentamos a ruína, o governo danoso, a prevalência do vício e a deterioração gradual da humanidade; mas essas coisas permanecem imóveis, e permanecerão, apenas se movem levemente, como as ondas, que ao mesmo tempo em uma maré crescente lava mais a terra, e também pode, através do refluxo abaixar o nível da água. [2] Em determinado momento, o principal vício será o adultério, e a licenciosidade excederá todos os limites; em outra ocasião, a fúria⁴⁰ do banquete estará em voga, e os homens desperdiçarão sua herança da maneira mais vergonhosa de todas, com a cozinha; em outro, cuidado excessivo com o corpo e uma devoção à beleza pessoal que implica fealdade do espírito; em outro momento, a liberdade concedida aleatoriamente se mostrará como imprudência e desafio desonestos da autoridade; às vezes haverá um reino de crueldade tanto em público quanto em privado, e a loucura das guerras civis virá sobre nós, destruindo tudo que é sagrado e inviolável⁴¹. Às vezes até embriaguez será realizada pela honra, e será uma virtude engolir mais vinho⁴². [3] Vícios não nos aguardam em um só lugar, mas pairam à nossa volta em formas mutáveis, às vezes até divergentes, de modo que, por sua vez, ganham e perdem o campo; todavia, sempre seremos obrigados a pronunciar o mesmo veredito sobre nós mesmos: que somos e sempre fomos vis e, a contragosto, acrescento que sempre seremos. [4] Sempre haverá homicídios, tiranos, ladrões, adúlteros, violadores, sacrílegos, traidores: e pior do que tudo isso é o homem ingrato, a não ser que consideremos que todos esses crimes emergem da ingratidão, afinal, toda grande iniquidade só chega a tal estatura devido a ela. Cuida para que não cometas tão enorme crime, mas perdoe-a como o menor dos crimes quando for cometido [por outrem]. Pois toda a injúria que tu sofres é esta: tu perdes a matéria de um benefício, mas não o benefício em si, pois tu possuístes inalterada a melhor parte dele, o que tu destes.

[1] *Sed longius nos impetus evehit provocante materia; itaque sic finiamus, ne in nostro saeculo culpa subsidat. Hoc maiores nostri questi sunt, hoc nos querimus, hoc posteri nostri querentur, eversos mores, regnare nequitiam, in deterius res humanas et omne nefas labi. At ista eodem stant loco stabuntque, paulum dumtaxat ultra aut citra mota, ut fluctus, quos aestus accedens longius extulit, recedens interiore litorum vestigio tenuit.* [2] *Nunc in adulteria magis quam in alia peccabitur, abrumpetque frenos pudicitia; nunc convivorum vigebit furor et foedissimum patrimoniorum exitium, culina; nunc cultus corporum nimius et formae cura prae se ferens animi deformitatem; nunc in petulantiam et audaciam erumpet male dispensata libertas; nunc in crudelitatem privatam ac publicam ibitur bellorumque civilium insaniam, qua omne sanctum ac sacrum profanetur; habebitur aliquando ebrietati honor, et plurimum meri cepisse virtus erit.* [3] *Non expectant uno loco vitia, sed mobilia et inter se dissidentia tumultuantur, pellunt in vicem fuganturque; ceterum idem semper de nobis pronuntiare debebimus, malos esse nos, malos fuisse, — invitus adiciam, et futuros esse.* [4] *Erunt homicidae, tyranni, fures, adulteri, raptores, sacrilegi, proditores; infra omnia ista ingratus est, nisi quod omnia ista ab ingrato sunt, sine quo vix ullum magnum facinus adcrevit. Hoc tu cave tamquam maximum crimen ne admittas; ignosce tamquam levissime, si admissum est. Haec est enim iniuriae summa: beneficium perdidisti. Salvum est enim tibi ex illo, quod est optimum: dedisti.*

[5] Embora devamos ser cuidadosos em conceder nossos benefícios por preferência àqueles que provavelmente nos mostrarão gratidão, ainda assim, devemos às vezes concedê-los aos que depositamos pouca esperança, e darmos benefícios àqueles que não apenas pensamos serem ingratos, mas também àqueles que certamente o são. Por exemplo, se eu fosse capaz de salvar os filhos de um homem de um grande perigo sem risco para mim mesmo, eu não deveria hesitar em fazê-lo. Um homem digno, eu o defenderia mesmo com meu sangue, compartilhando seus perigos; se for indigno, e ainda assim gritar por uma ajuda, eu posso resgatá-lo de ladrões, sem relutância levantaria minha voz que permitiria poupar um semelhante⁴³.

1.11

[1] Resta decidirmos agora quais tipos de benefícios devemos e qual a melhor maneira de concedê-los. Devemos, em primeiro lugar, fazer o necessário, em segundo o útil e em terceiro o agradável, e em todos os casos, deverão ser duradouros. Começemos pelas coisas necessárias: pois elas sustentam a vida, afetando o espírito de maneira muito diferente daquelas que apenas o adornam e o instruem⁴⁴. Nisso alguém pode ser um avaliador fastidioso de algo que facilmente poderia viver sem, das quais ele pode dizer: “Leve-as de volta; não as quero, estou satisfeito com o que tenho”. Às vezes, desejamos não apenas devolver o que recebemos, mas até jogá-lo fora. **[2]** Entre os benefícios necessários podemos distinguir três classes: àqueles entre os quais não podemos viver sem; àqueles sem os quais não devemos viver sem; e o último, àqueles sem os quais não queremos viver sem. **[3]** Entre os da primeira classe, figuram os que nos salvam das mãos de nossos inimigos, da ira de um tirano, de um exílio, e de outros perigos que sitiam, por assim dizer, a vida de um homem. Ao ajudarmos a evitar esses males, ganharemos gratidão proporcional à grandeza do perigo, pois quando os homens pensarem na grandeza da miséria da qual foram salvos, o terror pelo qual passaram aumenta o valor de nossos serviços. No entanto, não devemos atrasar o resgate de ninguém mais do que somos obrigados, apenas para fazer com que seus medos aumentem o peso das nossas ajudas. **[4]** Pertencem a segunda classe esses bens sem os quais poderíamos viver, mas de tal forma que seria melhor morrermos: a liberdade, a simplicidade e a virtude⁴⁵. Na terceira classe entram aquelas coisas que nos são queridas, a união, o sangue, e os costumes tradicionais: os filhos, os cônjuges, nosso lar, e assim por diante, ou seja, coisas que o espírito se apega de com tanta firmeza que a ruptura com eles pode parecer pior que a própria morte.

[5] *Quemadmodum autem curandum est, ut in eos potissimum beneficia conferamus, qui grate responsuri erunt, ita quaedam, etiam si male de illis sperabitur, faciemus tribuimusque, non solum si iudicabimus ingratos fore, sed si sciemus fuisse. Tamquam si filios alicui restituere potero magno periculo liberatos sine ullo meo, non dubitabo. Dignum etiam impendio sanguinis mei tuebor et in partem discriminis veniam; indignum si eripere latronibus potero clamore sublato, salutarem vocem homini non pigebit emittere.*

1.11

[1] *Sequitur, ut dicamus, quae beneficia danda sint et quemadmodum. Primum demus necessaria, deinde utilia, deinde iucunda, utique mansura. Incipiendum est autem a necessariis; aliter enim ad animum pervenit, quod vitam continet, aliter, quod exornat aut instruit. Potest in eo aliquis fastidiosus esse aestimator, quo facile cariturus est, de quo dicere licet: "Recipe, non desidero; meo contentus sum." Interim non reddere tantum libet, quod acceperis, sed abicere. [2] Ex his, quae necessaria sunt, quaedam primum obtinent locum, sine quibus non possumus vivere, quaedam secundum, sine quibus non debemus, quaedam tertium, sine quibus nolumus. [3] Prima huius notae sunt: hostium manibus eripi et tyrannicae irae et proscriptioni et aliis periculis, quae varia et incerta humanam vitam obsident. Quidquid horum discussserimus, quo maius ac terribilius erit, hoc maiorem inibimus gratiam; subit enim cogitatio, quantis sint liberati malis, et lenocinium est muneris antecedens metus. Nec tamen ideo debemus tardius quemquam servare, quam possumus, ut muneri nostro timor imponat pondus. [4] Proxima ab his sunt, sine quibus possumus quidem vivere, sed ut mors potior sit, tamquam libertas et pudicitia et mens bona. Post haec habebimus coniunctione ac sanguine usque et consuetudine longa cara, ut liberos, coniuges, penates, cetera, quae usque eo animus sibi applicuit, ut ab illis quam vita divelli gravius existimet.*

[5] Depois disso vêm os benefícios úteis, cuja matéria é tão variada quanto extensa: o dinheiro, mas não de modo supérfluo, e sim o suficiente para levar uma vida ordenada; também a honra e as diferentes etapas dos que buscam as posições mais elevadas; pois nada pode ser mais útil para um homem do que ser colocado em uma posição na qual ele possa se beneficiar. Todos os benefícios além desses são supérfluos e provavelmente estragariam aqueles que os recebem. Ao fornecê-los, devemos ser cuidadosos para torná-los aceitáveis, dando-os no tempo apropriado, ou oferecendo benefícios que não são comuns, mas que poucas pessoas possuem, ou pelo menos possuem poucas em nossos tempos; ou, novamente, dando coisas de tal maneira, que embora não sejam naturalmente valiosas, elas se tornam assim no tempo e no lugar em que são dadas. **[6]** Devemos refletir qual benesse produzirá mais prazer, qual ficará mais frequentemente sob a atenção do seu possuidor, de modo que sempre que ele estiver com ela, também estará conosco; e em todos os casos devemos ter cuidado para não enviar presentes inúteis, como armas de caça para uma mulher ou um homem velho, ou livros para um rústico, ou redes de pesca para um estudioso de literatura. Por outro lado, devemos ser cuidadosos ao enviarmos o que eles desejam; não podemos enviar o que insultuosamente lembrará nossos amigos de suas enfermidades⁴⁶, como, por exemplo, ao enviarmos vinho a um ébrio ou medicamentos para um moribundo, ou seja, um presente que contenha alusões às deficiências do presenteado, tornando-se assim um insulto.

1.12

[1] Se pudermos escolher os benefícios que iremos conceder, devemos de preferência escolher os duradouros, excluindo assim os que são perituros. Poucos homens são tão gratos com o que receberam mesmo quando não podem ver. Mesmo os ingratos se lembram de nós por nossas benesses, quando elas estão sempre à vista, não os deixando esquecerem, mas constantemente imprimindo no espírito a lembrança do doador. Como nunca devemos lembrar aos homens o que lhes demos, devemos ainda mais escolher presentes que sejam permanentes; pois as próprias coisas impedirão que a lembrança do doador se desvaneça.

[5] *Subsecuntur utilia, quorum varia et lata materia est; hic erit pecunia non superfluens sed ad sanum modum habendi parata; hic erit honor et processus ad altiora tendentium; nec enim utilius quicquam est quam sibi utilem fieri. Iam cetera ex abundanti veniunt delicatos factura. In his sequemur, ut opportunitate grata sint, ut non vulgaria, quaeque aut pauci habuerint aut pauci intra hanc aetatem aut hoc modo, quae, etiam si natura pretiosa non sunt, tempore aut loco fiant.* [6] *Videamus, quid oblatum maxime voluptati futurum sit, quid frequenter occurrurum habenti, ut totiens nobiscum quotiens cum illo sit. Utique cavebimus, ne munera supervacua mittamus, ut feminae aut seni arma venatoria, ut rustico libros, ut studiis ac litteris dedito retia. Aequae ex contrario circumspiciemus, ne, dum grata mittere volumus, suum cuique morbum exprobratura mittamus, sicut ebrioso vina et valetudinario medicamenta. Maledictum enim incipit esse, non munus, in quo vitium accipientis adgnoscutur.*

1.12

[1] *Si arbitrium dandi penes nos est, praecipue mansura quaeremus, ut quam minime mortale munus sit. Pauci enim sunt tam grati, ut, quid acceperint, etiam si non vident, cogitent. Ingratos quoque memoria cum ipso munere incurrit, ubi ante oculos est et oblivisci sui non sinit, sed auctorem suum ingerit et inculcat. Eo quidem magis duratura quaeramus, quia numquam admonere debemus; ipsa res evanescentem memoriam excitet.*

[2] Teria mais gosto em oferecer um presente de mesa em prata do que dinheiro cunhado; é preferível dar estátuas a roupas, ou outros objetos que com o uso possam se deteriorar. Poucos continuam gratos depois que o presente se foi: muitos mais se lembram das benesses apenas enquanto fazem uso deles. Se possível, gostaria que meu presente não fosse consumido; ao contrário disso, que permaneça, que subsista, e que conviva por toda a vida com meu amigo. [3] Ninguém é tão estulto que precise ser instruído a não mandar gladiadores ou feras para alguém que acabou de fazer um evento público, ou não enviar roupas de verão no inverno ou roupas de inverno no verão. O senso comum deve guiar nossos benefícios; devemos considerar o tempo, o lugar e o caráter do receptor, que são os pesos da balança, que fazem com que nossos presentes sejam bem ou mal recebidos. É mais agradável para o homem receber um presente que ele não tem, do que quando oferecemos algo que ele tenha em abundância; devemos oferecer o que ele tem procurado em vão, em vez do que ele vê por toda parte! [4] Ofertemos presentes de coisas raras e escassas, ao contrário de dispendiosas, coisas das quais até mesmo um homem rico se alegrará, assim como nos deleitam frutas comuns, elas também depois de poucos dias causam saciedade, se amadurecem antes do tempo da mesma maneira que frutas comuns, ao amadurecerem antes da estação habitual. As pessoas também estimam as coisas que ninguém lhes deu, ou que não temos dado a mais ninguém.

1.13

[1] Alexandre da Macedônia⁴⁷ foi muito lisonjeado ao conquistar o Oriente, chegaram até mesmo a acreditar que ele era mais que um simples mortal, o povo de Corinto enviou embaixadores para parabenizá-lo e lhe apresentou com a condição de cidadão. Alexandre ao sorrir para essa forma de cortesia, ouviu de um dos embaixadores: “Nunca colocamos nenhum estranho entre nossos cidadãos, exceto Hércules e tu mesmo”.

[2] *Libentius donabo argentum factum quam signatum; libentius statuas quam vestem et quod usus brevis deterat. Apud paucos post rem manet gratia; plures sunt, apud quos non diutius in animo sunt donata, quam in usu. Ego, si fieri potest, consumi munus meum nolo; extet, haereat amico meo, convivat.* [3] *Nemo tam stultus est, ut monendus sit, ne cui gladiatores aut venationem iam munere edito mittat et vestimenta aestiva bruma, hiberna solstitio. Sit in beneficio sensus communis; tempus, locum observet, personas, quia momentis quaedam grata et ingrata sunt. Quanto acceptius est, si id damus, quod quis non habet, quam cuius copia abundat, quod diu quaerit nec invenit, quam quod ubique visurus est!* [4] *Munera non tam pretiosa quam rara et exquisita sint, quae etiam apud divitem sui locum faciant, sicut gregalia quoque poma et post paucos dies itura in fastidium delectant, si provenere maturius. Illa quoque non erunt sine honore, quae aut nemo illis alius dedit aut nos nulli alii.*

1.13

[1] *Alexandro Macedoni, cum victor Orientis animos supra humana tolleret. Corinthii per legatos gratulati sunt et civitate illum sua donaverunt. Cum risisset hoc Alexander officii genus, unus ex legatis: "Nulli," inquit, "civitatem umquam dedimus alii quam tibi et Herculi."*

[2] Alexandre aceitou de bom grado a honra oferecida, convidou os embaixadores para a sua mesa e mostrou-lhes outras cortesias. Não pensando em quem ofereceu a cidadania, mas a quem eles também a concederam⁴⁸; e, sendo ele escravo da glória, embora não conhecesse nem sua verdadeira natureza nem seus limites [da glória], fingiu seguir os passos de Hércules e Baco, nem se deteve lá onde de fato as marcas desses passos cessaram; de modo que, olhando para além dos concessores desta honra, com quem ele compartilhou, e imaginando que o céu para o qual sua vaidade aspirava foi de fato aberto diante de si, quando o compararam a Hércules. E que, de fato, aquela juventude frenética, cujo único mérito foi a sua audácia, que fortuitamente, assemelhava-se a de Hércules! [3] Hércules não conquistou nada para si mesmo; ele viajou por todo o mundo, não cobiçando para si, mas libertando os países conquistados, um inimigo para os homens maus, um defensor do bem, um pacificador tanto pelo mar quanto pela terra; enquanto o outro, desde sua infância, era um bandido e desolador de nações, uma praga para seus amigos e inimigos, cuja maior alegria era ser o terror de toda a humanidade, esquecendo que os homens temem não apenas os animais mais ferozes, mas também os mais covardes, por causa de sua natureza maligna e venenosa.

1.14

[1] Vamos agora retornar ao nosso assunto. Aquele que concede um benefício sem discernimento dá o que não agrada a ninguém; ninguém se julga agradecido pelo anfitrião de uma taverna da qual se está hospedado, por ele nos oferecer sua companhia no jantar a ponto de poder dizer: “Que civilidade ele me mostrou? Não mais do que aquela mostrada para aquele outro homem, que ele mal conhece, ou para aquele outro, que é ao mesmo tempo seu inimigo pessoal e um homem de caráter infame. Tu supões que ele desejou fazer qualquer honra a mim? Não, ele simplesmente queria satisfazer sua própria doença⁴⁹ de prodigalidade!” Se tu desejas que os homens sejam gratos por qualquer coisa, conceda-as raramente. Ninguém pode suportar receber o que tu ofereceste para todos. [2] Que ninguém interprete que eu queira impor qualquer laço à generosidade; deixe-a ir a que comprimento ela quiser, para que ela siga um curso firme, não ao acaso. Mas é possível doar presentes de tal maneira que cada um dos que os recebem, embora os compartilhe com a massa, ainda se sintam distintos.

[2] *Libens accepit non dilutum honorem et legatos invitatione aliaque humanitate prosecutus cogitavit, non qui sibi civitatem darent, sed cui dedissent; et homo gloriae deditus, cuius nec naturam nec modum noverat. Hercules Liberique vestigia sequens ac ne ibi quidem resistens, ubi illa defecerant, ad socium honoris sui respexit a dantibus, tamquam caelum, quod mente vanissima complecte-batur, teneret, quia Herculi aequabatur!* [3] *Quid enim illi simile habebat vesanus adolescens, cui pro virtute erat felix temeritas? Hercules nihil sibi vicit; orbem terrarum transivit non concupiscendo, sed iudicando, quid vinceret, malorum hostis, bonorum vindex, terrarum marisque pacator. At hic a pueritia latro gentiumque vastator, tam hostium pernicies quam amicorum, qui summum bonum duceret terrori esse cunctis mortalibus, oblitus non ferocissima tantum, sed ignavissima quoque animalia timeri ob malum virus.*

1.14

[1] *Ad propositum nunc revertamur. Beneficium si qui quibuslibet dat, nulli gratum est; nemo se stabularii aut cauponis hospitem iudicat nec convivam dantis epulum, ubi dici potest: “Quid enim in me contulit? Nempe hoc, quod et in illum vix bene notum sibi et in illum etiam inimicum ac turpissimum hominem. Numquid enim me dignum iudicavit? Morbo suo morem gessit!” Quod voles gratum esse, rarum effice; quivis patitur sibi imputari.* [2] *Nemo haec ita interpretetur, tamquam reducam liberalitatem et frenis artioribus reprimam; illa vero, in quantum libet, exeat, sed eat, non erret. Licet ita largiri, ut unusquisque, etiam si cum multis accepit, in populo se esse non putet.*

[3] Que cada homem tenha alguma familiaridade com seu presente, que o faça considerar-se mais favorecido do que o resto. Ele pode dizer: “Recebi o mesmo presente que ele, mas nunca pedi. Recebi o mesmo presente, mas o meu foi-me dado depois de alguns dias, enquanto aquele ganhou por um longo serviço⁵⁰. Outros têm o mesmo presente, mas não foi dado a eles com a mesma cortesia e palavras graciosas com as quais me foi dado. Aquele homem ganhou porque pediu, enquanto eu nada pedi. Aquele outro recebe mais do que eu [ou seja, a outra pessoa que recebeu o mesmo benefício], sendo assim ele poderia facilmente retribuir um presente; pois temos grandes expectativas de um homem rico, velho e sem filhos, como ele; enquanto que ao dar o mesmo presente para mim ele realmente deu mais, porque ele deu-o sem a esperança de receber qualquer retorno por isso”. **[4]** Assim como uma cortesã divide seus favores entre muitos homens, de modo que nenhum de seus amigos está sem alguma prova de sua afeição, então, aquele que deseja que seus benefícios sejam valorizados considere como ela faz ao satisfazer muitos homens ao mesmo tempo, dando a cada um deles alguma marca especial de favor para distingui-lo do resto.

1.15

[1] Não sou defensor da negligência em dar benefícios: quanto mais e quanto maiores forem, mais elogios eles trarão ao doador. Contudo, sejam eles dados com discernimento: pois o que é dado descuidada e imprudentemente não pode agradar a ninguém. **[2]** Quem quer que suponha, portanto, que ao dar esse conselho, eu queira restringir a benevolência e confiná-la a limites mais restritos, confunde inteiramente o objeto de minha advertência. Que virtude admiramos mais que a benevolência? Quais encorajamos mais? Quem deveria aplaudir mais do que nós [os estoicos], que pregam a irmandade da raça humana?⁵¹ **[3]** O que significa isso? Uma vez que nenhum impulso do espírito humano pode ser aprovado, mesmo que provenha de uma vontade reta, a menos que seja pelo poder da virtude, proíbo a generosidade de degenerar-se em extravagância. É, de fato, agradável receber um benefício de braços abertos, quando a razão o concede ao merecedor, não quando é lançado para cá e para lá sem pensar, e ao acaso; é isso que nos importamos em exibir e reivindicar como nossos [da escola estoica].

[3] *Nemo non habeat aliquam familiarem notam, per quam speret se propius admissum. Dicat: "Accepi idem, quod ille, sed ultro. Accepi, quod ille, sed ego intra breve tempus, cum ille diu meruisset. Sunt, qui idem habeant, sed non eisdem verbis datum, non eadem comitate tribuentis. Ille accepit, cum rogasset; ego non rogarum. Ille accepit, sed facile redditurus, sed cuius senectus et libera orbitas magna promittebat; mihi plus dedit, quamvis idem dederit, quia sine spe recipiendi dedit."* [4] *Quemadmodum meretrix ita inter multos se dividet, ut nemo non aliquod signum familiaris animi ferat, ita, qui beneficia sua amabilia esse vult, excogitet, quomodo et multi obligentur et tamen singuli habeant aliquid, quo se ceteris praeferant.*

1.15

[1] *Ego vero beneficiis non obicio moras; quo plura maioraque fuerint, plus adferent laudis. At sit iudicium; neque enim cordi esse cuiquam possunt forte ac temere data.* [2] *Quare si quis existimat nos, cum ista praecipimus, benignitatis fines introrsus referre et illi minus laxum limitem aperire, ne perperam monitiones nostras exaudivit. Quam enim virtutem magis veneramur? Cui magis stimulos addimus? Quibusve tam convenit haec adbortatio quam nobis societatem generis humani sancientibus?* [3] *Quid ergo est? Cum sit nulla honesta vis animi, etiam si a recta voluntate inceptit, nisi quam virtutem modus fecit, veto liberalitatem nepotari. Tunc iuvat accepisse beneficium et supinis quidem manibus, ubi illud ratio ad dignos perducit, non quolibet casus et consilii indigens impetus defert; quod ostentare libet et inscribere sibi.*

[4] Tu podes chamar qualquer coisa de um benefício, mesmo que sinta vergonha de mencionar a pessoa que deu a ti? Quão mais gratificante é o benefício, quando se imprime mais profundamente sobre o espírito, para jamais ser esquecido, ou quando nos regozijamos em pensar não tanto no que ele consiste, mas de quem o recebemos? [5] Passieno Crispo⁵² costumava dizer que o conselho de alguns homens era preferível aos seus presentes, enquanto de outros era melhor os presentes do que os conselhos; e acrescentou como exemplo: “Eu preferiria receber um conselho de Augusto⁵³ do que um presente; preferiria receber um presente de Cláudio⁵⁴ do que um conselho”. Eu, no entanto, penso que não se deve desejar o benefício de nenhum homem cujo julgamento é vil. [6] O que quer dizer então? Por que não devemos receber o que Cláudio dá? Nós devemos; mas devemos considerá-lo como obtido da fortuna, que pode a qualquer momento se voltar contra nós. Por que separamos isso que naturalmente está conectado⁵⁵? Isso não é um benefício, porque a melhor parte de um benefício é ser concedido com julgamento; caso ofereça a alguém uma soma realmente grande de dinheiro, mas que não é dada nem com discernimento nem com boa vontade, então este benefício não será diferente do que deixá-lo acumulando. Há, no entanto, muitas coisas que não devemos rejeitar, mas pelas quais não podemos nos sentir endividados.

[Recebido em setembro/2018; Aceito em janeiro/2019]

[4] *Beneficia tu vocas, quorum auctorem fateri pudet? At illa quanto gratiora sunt quantoque in partem interiorem animi numquam exitura descendunt, cum delectant cogitantem magis a quo, quam quid acceperis?* [5] *Crispus Passienus solebat dicere quorundam se iudicium malle quam beneficium, quorundam beneficium malle quam iudicium, et subiciebat exempla. "Malo," aiebat, "divi Augusti iudicium, malo Claudii beneficium."* Ego vero nullius puto expetendum esse beneficium, cuius vile iudicium est. [6] *Quid ergo? Non erat accipiendum a Claudio, quod dabatur? Erat, sed sicut a fortuna, quam scires posse statim malam fieri. Quid ista inter se mixta dividimus? Non est beneficium, cui deest pars optima, datum esse iudicio: alioqui pecunia ingens, si non ratione nec recta voluntate donata est, non magis beneficium est quam thesaurus. Multa sunt autem, quae oportet accipere nec debere.*

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, volume 1*. Petrópolis, Editora Vozes, 1989.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, volume 2*. Petrópolis, Editora Vozes, 1991.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, volume 3*. Petrópolis, Editora Vozes, 1992.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Dos Deveres*. Trad. Carlos H. Gomes. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DE BENEFICIIS, Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 19 de agosto de 2018.
- EYLER, Flávia. *História Antiga: Grécia e Roma, a formação do ocidente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- INWOOD, Brad. *Reading Seneca*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- MAXFIELD, Valerie. *The Military Decorations of the Roman Army*. Los Angeles: University of California Press, 1981.
- NUSSBAUM, Martha. *The Therapy of Desire*. Princenton: Princeton University Press, 1994.
- OLIVEIRA, Luizir. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- REALE & ANTISERI, Giovanni & Dario, D. *História da Filosofia – vol 1*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad. J.A. Segurado e Campos. Lisboa: Caloste Gulbenkian, 2009.
- SENECA. *Los Beneficios*. Trad. Cristobal Rodríguez. Buenos Aires: Editorial Tor, 1962.
- SENECA. *Los Beneficios*. Trad. Fernández Navarrete. Murcia: Universidad de Murcia, 2006.
- SENECA. *Moral Essays: volume 3*. Trad. John Basore. London: Heineimann, 1935.
- SENECA. *On Benefits*. Trad. Aubrey Stewart. London: Forgotten Books, 2016. SÊNECA. *Sobre a ira/ Sobre a tranquilidade da alma*. Trad. José E.S. Lohner. São Paulo: Penguin Companhia, 2014.
- SENECA. *On Benefits*. Trad. Mirian Griffin and Brad Inwood. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, LDA., 1942.
- VEYNE, Paul Marie. *Sêneca e o estoicismo*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

¹ “Por isso mesmo nós, estóicos, nunca devemos nos deixar apanhar de improviso. O nosso espírito deve prever todas as circunstâncias, deve pensar não no que sucede habitualmente, mas em tudo quanto pode vir a suceder”. (Carta a Lucílio, 91).

² Oliveira L. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*, p. 89, 2010.

³ Nossa tradução foi motivada por um Programa de Iniciação Científica que participamos quando ainda estávamos na graduação, entre 2014 e 2016. Nessa época, pesquisando sobre o papel da noção de dever no pensamento de Sêneca, tivemos contato com o texto somente em espanhol. Diante dos belos pensamentos e palavras proferidos por Sêneca nesse tratado, amadurecemos a ideia de trazê-lo para português a fim de difundi-lo também em nosso idioma. Gostaríamos de agradecer ao Prof. Dr. Renato Ambrosio da Universidade Federal da Bahia pelo sua criteriosa e cuidadosa análise da tradução em diversos pontos.

⁴ Cf. <http://www.perseus.tufts.edu>.

⁵ C.f. *The Therapy of Desire*, p. 316-358.

⁶ C.f. *Ibidem*, p. 405-406.

⁷ C.f. Sobre a tradução.

⁸ *Damus*. Quando procuramos a aplicação desta palavra em latim, vemos que ela é usada no sentido de enviar ou dirigir a alguém, o que casa perfeitamente com o sentido que Sêneca busca em seu texto: apenas depois de um escrutínio concedemos pontualmente um benefício a alguém.

⁹ *Duces*. Significa líder, guia. A expressão, por sua vez, vem do latim *duco*, que significa influência. Optamos por traduzir “exemplo” pelo peso que os filósofos estóicos, sobretudo do período imperial, dão aos *exemplai*.

¹⁰ *Peccat*. Poderíamos usar o verbete “errar” em português, mas preferimos manter um termo que se aproximasse do que Sêneca escreveu em latim. Embora use o termo *peccat*, que vem de *pecco*, muito difundido pelos cristãos posteriormente, aqui não há nenhuma conotação religiosa. O sentido do termo aponta para aquele que se desviou do caminho da razão, da virtude.

¹¹ Segundo Cristobal Rodriguez a frase pode ser atribuída ao romano Lucius Attius (170-86 aC), um poeta trágico, “pouco conhecido” (p.7, 1962).

¹² Este trecho é um pouco ambíguo, pois Sêneca não deixa muito claro se tais perdas se tratam dos próprios benefícios ou do conteúdo dos benefícios (dinheiro, bens). Aubrey Stewart em sua tradução deixa subentendido que se trata dos próprios benefícios.

¹³ É de se destacar que usamos uma linguagem contábil na tradução, e isto não é por acaso, tendo em mente que Sêneca foi um homem de valiosa fortuna e sabia como tratar seu dinheiro; Paul Veyne afirma que Sêneca “[...] criou um dos bancos de crédito mais importantes de sua época;” (p. 20, 2015).

¹⁴ *Gratiae*. Sêneca se refere às três deusas da mitologia greco-romana, as Graças (*Χάριτες*), filhas de Zeus/Júpiter. São elas: Aglaia (personificação da inteligência), Eufrosine (personificação da alegria) e Talia (personificação da riqueza).

¹⁵ *Αγλαΐα*.

¹⁶ *Ευφροσυνη*.

¹⁷ *Θαλία*.

¹⁸ *Πασιθέα*.

¹⁹ Nesse caso, Pasitea foi prometida ao deus do sono, Hipnos (“Υπνος”).

²⁰ As virgens vestais (*virgines Vestales*) eram sacerdotisas que cultuavam Vesta, a deusa do fogo. Elas eram escolhidas ainda jovens e deviam servir a deusa durante trinta anos, cultivando sua virgindade.

²¹ Sêneca faz uma crítica sutil. Ao falar das vestes grossas em Homero mostra como os poetas não estavam interessados na verdade, porque cada poeta retrata as deusas da maneira como bem entende.

²² *Φρυγία*. Região localizada onde atualmente é a Turquia.

²³ *Mercurius*. Deus romano que entregava as mensagens de Júpiter.

²⁴ Crísipo de Solis (280-208 a.C.) foi um filósofo estoico. Ele é responsável por sistematizar a filosofia do Pórtico.

²⁵ Sêneca se refere à famosa obra de Crisipo intitulada *Sobre os Deveres (Peri Katekhonta)*. A ideia de dever foi muito difundida entre os estoicos e, principalmente em Sêneca em suas *Cartas à Lúcio*, 94 e 95, no qual ele realiza uma análise criteriosa sobre a importância dos deveres para a formação do sábio.

²⁶ *Officio*. Conceito central na discussão entre dever e virtude nos estoicos. Cícero foi quem o trouxe para a língua latina, fazendo a tradução do grego: “Existe ainda outra divisão do dever-dizer-se que certo dever é, com efeito, ora ‘médio’, ora ‘absoluto’. Dever absoluto, segundo penso, poderemos chamar à ação correcta, já que os Gregos denominaram-na *katortboma*, enquanto *kathekon*, ao dever comum” (CÍCERO, 2000, p.18). Ainda em Giovanni Reale podemos ver essa observação: “Este conceito de *kathékon* é substancialmente criação estoica. Os romanos, que o traduziram pelo termo “*officium*”, com sua sensibilidade prático-jurídica, contribuíram para talhar mais nitidamente os contornos desta noção moral que nós, modernos, chamamos de “dever”” (REALE E ANTISENE, 2003, p. 291).

²⁷ Hecatão de Rodes (século II- século II a.C.).

²⁸ *Εὐρυνόμη*.

²⁹ *Ἰσθρα*. Deusas mitológicas das estações.

³⁰ *Αφροδίτη*.

³¹ Na Roma Antiga, o nomenclador era, dentre os vários tipos de escravos, um escravo de cidade responsável por lembrar os nomes das pessoas que cruzavam com seu senhor.

³² Na Roma Antiga havia diversos tipos de condecorações militares. Sêneca cita a coroa mural, que o primeiro soldado poderia ganhar após escalar uma muralha de uma cidade sitiada. Sêneca também fala sobre o colar, ou torque.

³³ *Toga praexteta*. Um tipo de vestuário romano utilizado por jovens solteiros e pelos importantes magistrados e sacerdotes. Vale destacar que Sêneca fala da túnica neste caso, se referindo aos homens que ocupam grandes cargos.

³⁴ *Neutram naturam*. A noção de indiferente é de suma importância para o pensamento estoico. Está ideia fica mais clara em Epiteto, no qual ele diz, segundo Arriano em suas Diatribes, que neste mundo existem duas coisas, à saber: as que dependem de nós e as que não dependem. As que não dependem de nós é tudo aquilo que nós não podemos controlar totalmente, por exemplo: riqueza, saúde, honra, vida e morte. As que dependem de nós são os nossos juízos acerca das coisas que nós não temos total controle. Deste modo, as coisas que não dependem de nós são os indiferentes.

³⁵ Isto é, de alguém que concede muitos e grandes benefícios.

³⁶ Ésquines de Atenas (389-314 a.C.).

³⁷ Alcibíades Clinias (450-404 a.C) foi um famoso político e general ateniense. Famoso também por ser um dos pupilos preferidos de Sócrates. Tanto Platão, quanto Plutarco, referem-se a

Alcebiades como um jovem que tinha muito respeito por Sócrates, mas que, posteriormente distanciou dos ensinamentos do mestre.

³⁸ No texto em latim há uma lacuna neste trecho.

³⁹ Nesse caso, Sêneca pode estar fazendo uma referência principalmente às Guerras Púnicas, que marcaram o processo de expansão de Roma, onde os generais se apropriavam das terras (por exemplo, a Sicília na Primeira Guerra Púnica e a Península Ibérica na Segunda Guerra) e das pessoas (por exemplo, os catarginenses e gregos) que lá residiam, transformando-os, naturalmente, em escravos.

⁴⁰ *Furor*. A questão da fúria ou da ira também é um ponto de grande interesse para Sêneca, que viveu em um período muito conturbado. Em uma obra, *De Ira*, dedicada ao seu irmão Novato ele explora mais este assunto.

⁴¹ Sêneca como um entusiasta da República Romana pode estar descrevendo o processo que a levou até a ruína, onde se substituiu tradições sagradas conservadas desde os primórdios de Roma, por luxo e opulência dos conquistadores abastados.

⁴² Sêneca pode estar se referindo ao período anual de comemoração Saturnália, uma festa oferecida ao deus Saturno, muito semelhante ao que conhecemos como carnaval.

⁴³ Como sempre faz em seus textos, Sêneca fala de temas importantes para o estoicismo sem lançar os conceitos. Aqui o filósofo se refere a noção de *oikeiosis* (οἰκειώσις). Tal noção significa que todo indivíduo quer se auto preservar. No entanto vamos abrangendo este círculo de auto preservação para os entes de nossa família, nossa comunidade, nossa pátria e quiçá, toda raça humana.

⁴⁴ *Instruit*. Em inglês o Aubrey Stewart utilizou o termo “*improve*”.

⁴⁵ *Mens boa*. Literalmente o termo quer dizer uma boa mente, bom espírito. Nas traduções que comparamos o termo aparece como “*virtud*” (em espanhol) e “*good conscience*” (em inglês). Optamos por manter virtude porque captura melhor a essência do pensamento de Sêneca, preocupado em atingir a reta razão do espírito, isto é, a virtude.

⁴⁶ C.f. Sobre a tradução.

⁴⁷ Alexandre III da Macedônia (356-323 a.C.).

⁴⁸ Isto é, com quem os Corintos o compararam ao darem o título de cidadão, comparando-o ao semideus Hércules.

⁴⁹ C.f. Sobre a tradução.

⁵⁰ *Meruisset*. Sêneca neste caso pode estar se referindo ao presente como um pagamento, uma espécie de salário.

⁵¹ C.f. nota 43.

⁵² Caio Salústio Passieno Crispo, nomeado cônsul em 27 d.C, durante o governo de Tibério.

⁵³ Caio Otávio (63 a.C.-14 d.C.). Depois, sendo fundador do Império Romano ganhou o título de Augusto.

⁵⁴ Tibério Cláudio César Augusto Germânico (10 a.C.-54 d.C.). Foi o quarto imperador romano, e o primeiro nascido fora da península Itálica.

⁵⁵ Sêneca está se referindo ao que foi discutindo anteriormente no 1.3.4.